

INDOMÁVEL

The word 'INDOMÁVEL' is written in a bold, black, sans-serif font. A thick, black brushstroke underline is drawn beneath the text, starting from the left and curving towards the right.

Copyright © 2020 by Glennon Doyle

All rights reserved.

Título original: *Untamed*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Marcela Isensee*

Preparação de original: *Marina Góes*

Revisão: *Carolina Vaz*

Capa: *Lynn Buckley*

Adaptação de capa: *Guilherme Peres*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção de ebook: S2 Books

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D784i

Doyle, Glennon, 1976-

Índomável / Glennon Doyle ; tradução Giu Alonso. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Harper Collins, 2020.

320 p.

Tradução de : *Untamed*

ISBN 9786555110593

1. Doyle, Glennon, 1976-. 2. Escritores americanos – Biografia. 3. Memória autobiográfica. 4. Autorrealização. I. Alonso, Giu. II. Título.

20-66280

CDD: 928.1

CDU: 929:821.111(73)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Agradecimentos a M. Peck Scott (*A estrada menos percorrida*) e a William James (*The Varieties of Religious Experience*) pela introdução em “a ordem invisível das coisas”.

Como acréscimo, um agradecimento de gratidão ao professor Randall Balmer, cujo artigo de 2004 publicado no *Político* “The Real Origins of Religious Right” me munuiu de informação e impactou o capítulo “Adesivos” deste livro.

Agradeço e reconheço a permissão de uso para o seguinte material previamente publicado:

Daniel Ladinsky: “Dropping Keys”, adaptado do poema Hafiz de Daniel Ladinsky em *The Gift: Poems by Hafiz*, de Daniel Ladinsky, copyright © 1999 de Daniel Ladinsky. Publicado mediante permissão.

W.W. Norton & Company, Inc.: cinco versos de “A Secret Life” de *Landscape at the End of the Century*, de Stephen Dunn, copyright © 1991 de Stephen Dunn. Publicado mediante permissão.

Writers House LLC: trecho de “Letter from a Birmingham Jail” de Dr. Martin Luther King Jr., publicado na TheAtlantic.com. Esse artigo aparece na edição especial dedicada a MLK com a chamada “Letter From Birmingham Jail” e foi publicado na edição de Agosto de 1963 da *The Atlantic* sob “The Negro Is Your Brother,” copyright © 1963 de Dr. Martin Luther King Jr. e copyright renovado em 1991 de Coretta Scott King. Reproduzido sob permissão dos herdeiros do espólio de Martin Luther King Jr., c/o Writers House servem como agentes do proprietário. Nova York, NY.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollinsPublishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo: Guepardo

Parte um: Enjaulada

Faíscas

Maçãs

Oral

Sugestões

Ursos-polares

Marcas

Algoritmos

Reuniões

Regras

Dragões

Braços

Parte dois: Chaves

Sentir

Saber

Imaginar

Deixe queimar

Parte três: Livre

Aflicção

Fantasma

Sorrisos

Objetivos

Adam e Keys

Orelhas

Termos

Erikas

Casas de praia

Temperaturas

Espelhos

Olhos

Jardins

Votos

Árvores de Toque

Baldes

Bordo

Diretrizes

Poemas

Meninos

Conversas

Florestas

Cream cheese

Bases

Ilhas

Pedregulhos

Banhos de sangue

Racistas

Perguntas

Permissões

Concessões

Nós

Adesivos

Deusas

Conflitos

Rios

Mentiras

Entregas

Invasores

Zonas de conforto

Bonder

Sortudas

Ondas

Castelos de areia

Guitarras

Tranças

Segundos

Ideias

Margens

Níveis

Epílogo

Agradecimentos

Sobre Together Rising

Prólogo

Guepardo

Dois verões atrás, eu e minha esposa levamos nossas filhas para o zoológico. Enquanto caminhávamos, vimos uma placa anunciando o maior evento do local: a Corrida do Guepardo. Seguimos as famílias que buscavam os melhores lugares para assistir e encontramos uma parte vazia perto do percurso. Nossa filha mais nova, Amma, subiu nos ombros da minha esposa para ver melhor.

Uma tratadora loira e animada com um colete cáqui apareceu, segurando um megafone e a coleira de um labrador amarelo. Fiquei confusa. Não sei muito sobre animais, mas se ela ia tentar convencer minhas filhas de que aquele cachorro era um guepardo, eu ia pedir um reembolso.

Ela começou a falar:

— Bem-vindos, pessoal! Vocês estão prestes a conhecer nossa guepardo, que se chama Tabitha. Vocês acham que essa é a Tabitha?

— Nããã! — gritaram as crianças.

— Essa labradora fofinha aqui é a Minnie, a melhor amiga da Tabitha. Nós apresentamos as duas quando Tabitha era uma filhotinha, e criamos Minnie e Tabitha uma ao lado da outra para domá-la. Tudo que a Minnie faz, a Tabitha também quer fazer.

A tratadora fez um gesto para um jipe estacionado atrás dela. Um coelhinho de pelúcia cor-de-rosa estava amarrado ao para-choque com uma corda esfiapada.

Ela perguntou:

— Quem tem um labrador em casa?

Várias mãozinhas se ergueram.

— Seu labrador gosta de brincar de pique-pega?

— Siiiiim! — gritaram as crianças.

— Bom, a Minnie ama correr atrás desse coelhinho. Então, primeiro Minnie vai fazer a Corrida do Guepardo enquanto Tabitha observa, para se lembrar de como se faz. Então vamos fazer uma contagem regressiva, vou abrir a jaula da Tabitha e ela vai correr. No final do percurso tem um bife delicioso esperando por ela.

A tratadora tirou a cobertura da jaula de Tabitha e levou Minnie, animada e ofegante, até a linha de partida. Fez um sinal para o jipe, que acelerou. A jovem soltou a coleira de Minnie, e todos observamos enquanto a labradora amarela se divertia perseguindo um coelhinho cor-de-rosa encardido. As crianças aplaudiram loucamente. Os adultos secaram o suor da testa.

Finalmente era a vez do grande momento de Tabitha. Todos fizemos a contagem regressiva em uníssono: “Cinco, quatro, três, dois, um...” A tratadora abriu a porta da jaula e o coelhinho foi levado mais uma vez. Tabitha disparou, totalmente concentrada no coelho, um pontinho borrado. Ela cruzou a linha de chegada em segundos. A tratadora apitou e jogou um bife para Tabitha, que prendeu-o no chão com as patas fofas e gigantescas, se abaixou e começou a mastigar, enquanto o público aplaudia.

Eu não bati palmas. Estava enjoada. A domesticação de Tabitha parecia... familiar.

Fiquei observando Tabitha mastigando o pedaço de carne no chão de terra do zoológico e pensei: *Dia após dia, este animal selvagem corre atrás de um coelhinho sujo de pelúcia rosa através de uma pista estreita e conhecida que as pessoas criaram para ela. Sem nunca olhar para a direita ou para a esquerda. Sem nunca pegar aquele maldito coelho, se contentando com um bife do mercado e com a aprovação distraída de estranhos suarentos. Obedecendo a todas as ordens dos tratadores, exatamente como Minnie, a labradora que ela foi treinada a acreditar que é. Sem perceber que, caso se lembrasse de sua ferocidade — mesmo que por um só momento —, poderia matar todos os tratadores.*

Quando Tabitha terminou o bife, a tratadora abriu um portão que levava a um pequeno campo cercado. Tabitha entrou, e o portão se fechou atrás dela. A tratadora pegou o megafone de novo e quis saber se alguém tinha alguma pergunta. Uma menina, de uns nove anos, talvez, ergueu a mão e disse:

— A Tabitha não fica triste? Ela não sente falta da selva?

— Desculpa, não ouvi — disse a tratadora. — Pode repetir?

A mãe da menina falou, mais alto:

— Ela quer saber se a Tabitha sente falta da selva.

A tratadora sorriu e respondeu:

— Não. A Tabitha nasceu aqui. Nunca conheceu outro lugar. Nunca viu a selva. Tabitha tem uma vida boa! Está muito mais segura aqui do que estaria na selva.

Enquanto a tratadora contava alguns fatos sobre guepardos nascidos em cativeiro, minha filha mais velha, Tish, me cutucou e apontou para Tabitha. Naquele campo, longe de Minnie e dos tratadores, a postura de Tabitha mudara. Sua cabeça estava ativa, e ela caminhava pelo perímetro, circundando as fronteiras criadas pela cerca. De lá para cá, de cá para lá, parando somente para encarar algo além da jaula. Era como se ela estivesse se lembrando de algo. Parecia majestosa. E um pouco assustadora.

Tish sussurrou para mim:

— Mamãe, ela ficou selvagem de novo.

Eu assenti para Tish e voltei a encarar Tabitha, que continuava marchando pela área. Gostaria de poder perguntar a ela: “O que está acontecendo dentro de você neste momento?”

Eu sabia o que ela me diria. Ela diria: “Tem alguma coisa *errada* na minha vida. Eu me sinto inquieta e frustrada. Tenho a sensação de que as coisas deveriam ser melhores do que isso. Imagino savanas abertas e horizontes sem cercas. Quero correr e caçar e matar. Quero dormir sob um céu de silêncio e escuridão, cheio de estrelas. *É tudo tão real que quase consigo sentir o gosto.*”

Então Tabitha olharia de volta para a jaula, o único lar que já conheceu. Olharia para os tratadores sorridentes, para o público entediado, para sua melhor amiga ofegante, saltitante, suplicante, a labradora.

Ela suspiraria e diria: “Eu deveria ser grata. Tenho uma vida boa o bastante aqui. É loucura desejar algo que nem existe.”

Então eu diria:

Tabitha. Você não é louca.

Você é uma porra de um guepardo.

Parte um

Enjaulada

Faíscas

Quatro anos atrás, casada com o pai dos meus três filhos, eu me apaixonei por uma mulher.

Muito tempo depois, vi aquela mesma mulher indo embora da minha casa para encontrar meus pais e contar a eles sobre o seu plano de me pedir em casamento. Ela achava que eu não tinha ideia do que ia acontecer naquela manhã de domingo, mas eu sabia.

Quando ouvi seu carro voltar, eu me ajeitei no sofá, abri um livro e tentei acalmar meu coração. Ela entrou pela porta e foi direto até mim, se abaixou, beijou minha testa. Tirou meu cabelo do rosto e respirou fundo junto ao meu pescoço, como ela sempre faz. Então ficou de pé e foi para o quarto. Fui até a cozinha pegar um café para ela e, quando me virei, ela estava bem na minha frente, ajoelhada, segurando uma aliança. Seus olhos estavam decididos e suplicantes, arregalados e focados, azuis como o céu, infinitos.

— Eu não consegui esperar — disse ela. — Simplesmente não consegui esperar nem mais um segundo.

Mais tarde, na cama, pousei a cabeça no peito dela enquanto conversávamos sobre sua manhã. Ela dissera aos meus pais: “Eu amo sua filha e seus netos como nunca amei nada antes. Passei minha vida inteira procurando e me preparando para eles. Prometo que vou amá-los e protegê-los para sempre.” O queixo da minha mãe tremeu com medo e coragem ao dizer: “Abby, não vejo minha filha tão viva desde que ela tinha dez anos de idade.”

Muito mais foi dito naquela manhã, mas aquela primeira resposta da minha mãe se destacou para mim como uma frase em um livro que implora para ser sublinhada:

Não vejo minha filha tão viva desde que ela tinha dez anos de idade.

Minha mãe viu quando a faísca nos meus olhos se apagou no meu décimo ano na Terra. Agora, trinta anos depois, estava testemunhando o retorno dessa luz. Nos últimos meses, toda a minha postura havia mudado. Para ela, eu parecia majestosa. E um pouco assustadora.

Depois daquele dia, comecei a me perguntar: *Aonde aquela faísca foi parar quando eu tinha dez anos? Como eu me perdi de mim mesma?*

Fiz minhas pesquisas e descobri o seguinte: dez anos é a idade em que aprendemos a ser bons meninos e meninas. Dez anos é quando as crianças começam a abrir mão de quem são para se tornar quem o mundo espera que sejam. Dez anos é quando nossa domesticação começa.

Dez anos foi quando o mundo me fez sentar, me disse para ficar quietinha e me mostrou minhas jaulas:

Estes são os sentimentos que você pode expressar.

Esta é a maneira como uma mulher deve se comportar.

Este é o corpo que você deve esforçar-se para ter.

Estas são as coisas em que você vai acreditar.

Estas são as pessoas que você pode amar.

Estas são as pessoas que você deve temer.

Este é o tipo de vida que você deve querer.

Faça-se caber. Vai ser desconfortável de início, mas não se preocupe — mais cedo ou mais tarde você vai esquecer que está enjaulada. Logo isso tudo vai ser simplesmente sua vida.

Eu queria ser uma boa menina, então me rendi às minhas jaulas. Escolhi uma personalidade, um corpo, uma fé e uma sexualidade tão pequenas que tinha que segurar o fôlego para caber dentro delas. Então, de imediato, fiquei muito doente.

Quando me tornei uma boa menina, também me tornei bulímica. Nenhuma de nós é capaz de segurar o fôlego o tempo todo. Era na bulimia que eu expirava. Era onde eu me recusava a ceder, onde eu saciava minha fome e expressava minha fúria. Eu me tornava animalesca durante minhas compulsões diárias. Então me dobrava no vaso sanitário e vomitava porque uma boa menina precisa permanecer bem pequena para caber em suas jaulas. Não pode demonstrar qualquer evidência de sua fome. Boas meninas não são famintas, nem furiosas, nem selvagens. Todas

as coisas que tornam uma mulher humana são os segredos mais sujos de uma boa menina.

Na época, eu suspeitava de que minha bulimia significava que eu era louca. No ensino médio, fui internada em um hospital psiquiátrico e isso se confirmou.

Hoje eu me entendo de outra forma.

Eu era só uma menina enjaulada feita para ser livre.

Eu não era louca. Eu era uma porra de um guepardo.

Quando vi Abby, me lembrei de como era ser selvagem. Eu a queria, e era a primeira vez que eu queria algo além do que tinha sido treinada para querer. Eu a amava, e era a primeira vez que eu amava algo além do que me era esperado amar. Criar uma vida com ela foi a primeira ideia original que já tive, e a primeira decisão que tomei como uma mulher livre. Depois de trinta anos me contorcendo para caber na concepção de amor de outras pessoas, finalmente tinha um amor que me cabia — feito só para mim, por mim. Finalmente me perguntei o que eu queria em vez de o que o mundo queria de mim. Eu me sentia viva. Tinha provado da liberdade e queria mais.

Então examinei profundamente minha fé, minhas amizades, meu trabalho, minha sexualidade, minha vida inteira, e me perguntei: quanto disso tudo foi minha ideia? Eu quero mesmo essas coisas, ou foi isso que fui condicionada a querer? Quais das minhas crenças são criações minhas e quais foram programadas no meu sistema? Quanto de quem me tornei é inerente, e quanto foi só herdado? Quanto da forma que me apresento e falo e me comporto é só como outras pessoas me treinaram a me apresentar, a falar, a me comportar? Quanto do que passei a vida perseguindo são só coelhos de pelúcia sujos? Quem eu era antes de me tornar quem o mundo me ensinou a ser?

Com o tempo, eu me afastei das minhas jaulas. Lentamente construí um novo casamento, uma nova fé, uma nova visão de mundo, um novo propósito, uma nova família e uma nova identidade criada por mim, não por padrão. Vindos da minha imaginação em vez de da minha doutrinação. Vindos da minha ferocidade, não da minha domesticação.

Agora vou contar sobre como fui enjaulada... e sobre como me libertei.

Maçãs

Tenho dez anos e estou sentada em uma salinha nos fundos da Igreja Católica da Natividade com outras vinte crianças. Estou no catecismo, a que meus pais me levam às noites de quarta para aprender sobre Deus. Nossa professora do catecismo é a mãe de um colega. Não lembro o nome dela, mas lembro que ela não parava de dizer que era contadora durante o dia. Sua família precisava fazer algumas horas de serviço na igreja, então ela se ofereceu para trabalhar na loja de lembrancinhas. Em vez disso, a igreja designou-a para a sala 423, catecismo do quinto ano. Então, agora, às quartas, das 18h30 às 19h30, ela ensina às crianças sobre Deus.

Ela pede para que nós nos sentemos no carpete em frente à sua cadeira, porque vai contar como Deus fez as pessoas. Eu corro para pegar um lugar bem na frente. Estou muito curiosa sobre como e por que eu fui feita. Percebo que nossa professora não está com a Bíblia nem nenhum outro livro no colo. Ela vai falar de memória. Fico impressionada.

Ela começa:

— Deus fez Adão e o colocou em um lindo jardim. Adão era a criação preferida de Deus, então Ele disse a Adão que seus únicos trabalhos eram ser feliz, cuidar do jardim e nomear os animais. A vida de Adão era quase perfeita. Só que ele ficou solitário e estressado. Queria companhia e ajuda para dar nome aos animais. Então ele disse a Deus que queria uma companheira e ajudante. Uma noite, Deus ajudou Adão a dar à luz Eva. De dentro do corpo de Adão, uma mulher nasceu, do ventre do homem.

Estou tão surpresa que até me esqueço de erguer a mão.

— Espera. Adão deu à luz *Eva*? Mas as pessoas não vêm do corpo das mulheres? Não são os meninos que vêm do ventre das mulheres?

Minha professora diz:

— Levante a mão, Glennon.

Eu ergo a mão. Ela acena para que eu a abaixe. O menino sentado à minha esquerda revira os olhos para mim.

Nossa professora continua:

— Adão e Eva eram felizes, e tudo foi perfeito por um tempo, mas então Eva viu uma maçã reluzente pendurada em uma árvore. Embora Deus tivesse falado para ela que aquela era a única coisa no jardim inteiro que ela não podia querer, Eva queria aquela maçã mesmo assim. Então, um dia, ela ficou com fome, pegou a maçã da árvore e deu uma mordida. Depois enganou Adão e o fez comer também. Assim que Adão mordeu a maçã, os dois sentiram vergonha pela primeira vez e tentaram se esconder de Deus. Mas Deus tudo vê, então Deus sabia. Deus baniu Adão e Eva do lindo jardim. Então Ele amaldiçoou os dois, assim como seus futuros filhos, e, pela primeira vez, houve sofrimento na Terra. É por isso que ainda sofremos hoje, porque o pecado original de Eva está em todos nós. O pecado é querer saber mais do que deveríamos querer, querer mais em vez de sermos gratas pelo que temos, e fazermos o que quisermos, em vez do que deveríamos.

Algumas considerações sérias haviam sido feitas. Eu não tinha mais perguntas.

Oral

Meu marido e eu começamos a frequentar uma terapeuta depois que ele admitiu que estava dormindo com outras mulheres. Agora guardamos os problemas que acontecem durante a semana para contar a ela nas terças à noite. Quando meus amigos perguntam se ela é boa, eu respondo: “Bom, acho que sim. Quer dizer, ainda estamos casados.”

Hoje pedi para vê-la a sós. Estou cansada e trêmula porque passei a noite toda ensaiando em silêncio um jeito de dizer o que estou prestes a contar.

Fico sentada em silêncio na poltrona, as mãos sobre o colo. Ela está sentada com as costas bem eretas na poltrona à minha frente. Está de terninho branco muito bem passado, saltos baixos, cara limpa, sem maquiagem. Uma estante de madeira cheia de livros teóricos e diplomas emoldurados cobre a parede atrás dela como vinhas. Sua caneta está preparada acima do bloco de capa de couro no seu colo, pronta para me resumir em preto no branco. Eu lembro a mim mesma: fale com calma e confiança, Glennon, como uma adulta.

— Tenho uma coisa importante a dizer. Eu me apaixonei. Perdidamente. O nome dela é Abby.

O queixo da minha terapeuta cai, só o suficiente para que eu perceba. Ela fica em silêncio por um momento que parece eterno. Então respira fundo e diz:

— Certo.

Ela para, recomeça:

— Glennon, você sabe que, seja o que for isso... não é real. Esses sentimentos não são *reais*. Seja qual for o futuro que você está imaginando

aqui: isso também não é real. Isso não passa de uma distração perigosa. Não vai terminar bem. Você precisa parar.

Começo a tentar dizer: “Você não está entendendo. Isso é diferente.” Mas então penso em todas as pessoas que se sentaram nesta mesma poltrona e insistiram: *Isso é diferente.*

Se ela não vai me deixar ter Abby, preciso convencê-la, ao menos, a nunca mais precisar ter meu marido.

— Eu não consigo mais dormir com ele — digo. — Você sabe o quanto me esforcei. Às vezes acho que o perdoei, mas aí ele sobe em cima de mim e o ódio volta todo outra vez. Faz anos, e não quero ser chata, então fecho os olhos e tento flutuar para fora do meu corpo até que acabe. Mas aí sem querer acabo voltando e esse retorno é para um ódio cegante e ardente. É tipo: eu tento morrer por dentro, mas sempre tem um pouquinho de vida dentro de mim, e essa vida torna o sexo insuportável. Não consigo estar viva durante esse momento, mas também não consigo morrer, então não tem solução. Eu só... só não quero mais fazer isso.

Fico furiosa por sentir as lágrimas chegando, mas é o que acontece. Estou implorando agora. Piedade, por favor.

Duas mulheres. Um terninho branco. Seis diplomas emoldurados. Um caderno aberto. Uma caneta a postos.

Então:

— Você já tentou só fazer sexo oral nele? Muitas mulheres sentem que o oral é menos íntimo.

Sugestões

Eu tenho um filho e duas filhas, até que eles me digam algo diferente disso.

Meus filhos acreditam que o chuveiro é um portal mágico das ideias.

Minha filha mais nova recentemente disse para mim:

— Mãe, é tipo como se eu não tivesse nenhuma ideia o dia todo, mas aí eu entro no chuveiro e meu cérebro fica cheio de coisas maneiras. Acho que é a água, sei lá.

— Pode ser a água — falei. — Ou pode ser que o chuveiro seja o único lugar em que você não está plugada, aí consegue ouvir seus próprios pensamentos.

Ela me olhou e questionou:

— Quê?

— O que acontece com você no chuveiro, querida. Se chama *pensar*. É uma coisa que as pessoas faziam antes do Google. Pensar é tipo... dar um Google no próprio cérebro.

— Ah — disse ela. — Legal.

Essa mesma criança rouba meu xampu caro uma vez por semana, então outro dia eu fui batendo o pé até o banheiro que ela divide com os irmãos para roubar o xampu de volta. Abri a cortina do chuveiro e percebi doze embalagens vazias na beirada da banheira. Todos os potes do lado direito eram vermelhos, brancos e azuis. Todos os potes do lado esquerdo eram rosa e roxos.

Eu peguei um pote vermelho do que claramente era o lado do meu filho adolescente. Era um pote alto, retangular, pesadão. Gritava comigo em letras negritadas em vermelho, branco e azul:

3X MAIOR
NÃO ROUBA A SUA DIGNIDADE
ARME-SE COM UM AROMA MASCULINO
DÊ UMA RASTEIRA NO FEDOR, DEPOIS DÊ UMA CADEIRADA NELE.

Pensei: *Mas que merda? Meu filho está tomando banho ou se preparando para a guerra?* Peguei uma das embalagens das meninas: estreita, metálica, cor-de-rosa. Em vez de cuspir ordens para mim, aquele pote, em fonte cursiva e delicada, sussurrava adjetivos desconexos: *atraente, radiante, gentil, puro, iluminador, sensual, macio, leve, cremoso.*

Nenhum verbo à vista. Nada para fazer aqui, só uma lista de coisas a se ser.

Olhei em volta para me certificar de que o chuveiro não era, de verdade, um portal mágico que de alguma forma me levara de volta ao passado. Não. Lá estava eu, no século XXI, em que meninos ainda aprendem que homens de verdade são grandes, intensos, violentos, invulneráveis, enojados pela feminilidade, responsáveis por conquistar as mulheres e o mundo. Em que meninas ainda aprendem que mulheres de verdade devem ser quietas, bonitas, pequenas, passivas e desejáveis, para que valham a conquista. Cá estamos nós. Nossos filhos e nossas filhas ainda estão sendo forçados a abrir mão de sua humanidade completa antes mesmo de se vestirem de manhã.

Nossas crianças são vastas demais para caberem nesses frascos rígidos, produzidos em massa. O problema é que vão se perder tentando caber.

Ursos-polares

Muitos anos atrás, a professora da minha filha Tish me ligou e disse que tinha acontecido uma “situação” na escola. Durante uma aula sobre animais selvagens, a professora mencionara para a turma que os ursos-polares estavam perdendo suas casas e suas fontes de alimento por causa do derretimento das calotas polares. Ela mostrou aos alunos uma foto de um urso-polar moribundo como exemplo dos muitos efeitos do aquecimento global.

Os outros alunos do jardim de infância acharam aquilo muito triste, mas não triste o suficiente para impedi-los de, você sabe, brincar no recreio. Não Tish. A professora me explicou que, quando a aula acabou e as outras crianças pularam dos seus tapetinhos para correr lá fora, Tish tinha continuado sentada, sozinha, a boca aberta, paralisada, seu rostinho chocado questionando:

“O QUÊ? Você acabou de dizer que os ursos-polares estão *morrendo*? Porque a *Terra está derretendo*? A mesma Terra em que a gente vive? Você acabou de largar essa informação aterrorizante **NA NOSSA CABEÇA NO MEIO DA HORA DA HISTÓRIA?**”

Tish, por fim, saiu para o recreio, mas não conseguiu participar da brincadeira naquele dia. As outras crianças tentavam tirá-la do banco para brincar de amarelinha com elas, mas Tish permaneceu ao lado da professora, de olhos arregalados, perguntando:

— Os adultos sabem disso? O que eles vão fazer? Tem outros animais em perigo também? Cadê a mãe daquele urso-polar com fome?

Durante todo o mês seguinte, nossa vida familiar girou em torno dos ursos-polares. Nós compramos pôsteres de ursos-polares e cobrimos as paredes do quarto de Tish com eles.

— Para lembrar, mamãe, eu tenho que lembrar.

Nós fizemos doações para quatro ursos-polares pela internet. Falamos de ursos-polares no jantar, no café da manhã, durante as idas e vindas da escola, durante festas. Discutimos ursos-polares tão incessantemente, na verdade, que depois de algumas semanas eu simplesmente não aguentava mais. Comecei a odiar ursos-polares com cada fibra do meu ser. Comecei a amaldiçoar o dia em que os ursos-polares nasceram. Tentei de tudo em que consegui pensar para tirar Tish do abismo dos ursos-polares. Eu a abracei, eu gritei com ela, então finalmente resolvi mentir.

Pedi para uma amiga me mandar um e-mail “oficial” fingindo ser a “Presidente da Antártida”, anunciando que, de uma vez por todas, as calotas polares estavam consertadas e todos os ursos-polares de repente estavam ótimos. Abri aquele e-mail fraudulento e chamei Tish do quarto:

— Ah, meu Deus, querida! Vem cá! Olha só o que eu recebi! Ótimas notícias!

Tish leu o e-mail em silêncio, depois se virou devagar para me olhar com uma expressão de total desprezo. Ela sabia que o e-mail era falso. Ela é sensível, mas não idiota. A saga dos ursos-polares continuou com força total.

Uma noite coloquei Tish para dormir e estava saindo do quarto pé ante pé com a alegria de uma mãe prestes a entrar na terra prometida (todo mundo foi dormir e eu tenho meu sofá, meus carboidratos e a Netflix só para mim, ninguém pode encostar em mim ou falar comigo até o sol nascer, aleluia!). Estava fechando a porta quando Tish sussurrou:

— Espera. Mãe?

Droga.

— O que foi, querida?

— Os ursos-polares.

AH. PUTA MERDA.

Voltei até a cama e olhei para ela de cima, um pouco enlouquecida. Tish ergueu os olhos para mim e disse:

— Mamãe, eu não consigo parar de pensar: agora são os ursos-polares. Mas ninguém liga. Então, depois, vai ser a gente.

Então ela se virou, pegou no sono e me deixou sozinha no quarto escuro, paralisada e em choque. Fiquei de pé acima dela, olhos arregalados, os braços circundando meu corpo.

“AI. MEU. DEUS. OS URSOS-POLAAAAAAAAAAAAAARES!! TEMOS QUE SALVAR A PORCARIA DOS URSOS-POLARES! DEPOIS VAI SER A GENTE. QUAL É O NOSSO PROBLEMA??”

Então olhei para a minha bebê e pensei: *Ah, você não é doida por estar de coração partido pelos ursos-polares; nós é que somos loucos por não estarmos.*

Tish não conseguiu ir para o recreio porque estava prestando atenção ao que a professora falou. Assim que ouviu a notícia sobre os ursos-polares, ela se permitiu sentir o horror e soube como aquilo era errado, imaginando o resultado inevitável. Tish é sensível, e esse é seu superpoder. O oposto de sensibilidade não é coragem. Não é coragem se recusar a prestar atenção, se recusar a ver, se recusar a sentir e saber e imaginar. O oposto de sensibilidade é a insensibilidade, e ser insensível não é nenhum motivo de orgulho.

Tish sente. Mesmo quando o mundo tenta acelerar ao seu redor, ela para e absorve tudo. *Para, espera. Aquilo que você falou sobre os ursos-polares... me fez sentir alguma coisa, questionar algumas coisas. Podemos ficar aqui um momento? Eu tenho sentimentos. Eu tenho perguntas. Ainda não estou pronta para correr para o recreio.*

Em muitas culturas, pessoas como Tish são identificadas desde cedo, criadas como xamãs, curandeiros, poetas, clérigos. São consideradas excêntricas mas essenciais para a sobrevivência do grupo porque são capazes de ouvir coisas que os outros não ouvem, ver coisas que os outros não veem e sentir coisas que os outros não sentem. A cultura depende da sensibilidade de alguns, porque aqueles que sentem a dor do mundo são os que mais provavelmente vão ajudar a curá-lo.

Mas a nossa sociedade é tão dedicada à expansão, ao poder e à eficiência que pessoas como Tish — como eu — são inconvenientes. Nós atrasamos o mundo. Estamos na proa do *Titanic*, apontando e gritando: “Iceberg!”, enquanto todo o restante está se escondendo sob o deque, gritando de volta: “A gente só quer continuar dançando!” É mais fácil dizer que somos problemáticas do que considerar que estamos respondendo de forma apropriada a um mundo problemático.

Minha menininha não é problemática. Ela é uma profeta. Quero ser sábia o suficiente para desacelerar com ela, perguntar a ela o que está sentindo, e ouvir o que ela sabe.

Marcas

É meu último ano de ensino médio, e eu ainda não fui indicada para a Corte do Baile.

A Corte do Baile é constituída pelos dez alunos mais populares de cada ano. Esses dez alunos vão colocar roupas chiques e andar de conversível no desfile do baile, vão colocar roupas chiques e dar a volta no campo durante o intervalo do jogo, vão colocar roupas chiques e atravessar os corredores com suas faixas de Corte do Baile. A semana do baile é como a Semana de Moda do ensino médio, e o restante de nós vai ficar só olhando das sombras enquanto os membros da Corte do Baile desfilam nas passarelas.

Os professores passam as cédulas durante a aula de inglês e nos instruem a votar nos alunos que devem ascender à corte. Todos os anos votamos em massa nos mesmos dez Alunos de Ouro. Todos nós sabemos quem eles são. Parece que nascemos sabendo quem eles são. Os Alunos de Ouro ficam juntos em um círculo próximo — como o sol — nos corredores, nos jogos de futebol, no shopping, em nossas mentes. Não devemos olhar diretamente para eles, o que é difícil porque eles têm cabelos brilhantes e corpos atraentes, brilhosos e radiantes, tudo que nós deveríamos ser. Nenhum deles faz bullying. Bullying requer prestar atenção demais e fazer esforço demais. Eles estão acima e além disso. Seu trabalho é ignorar o resto de nós, e nosso trabalho é nos julgar de acordo com os padrões que eles determinam. Nossa existência os torna Alunos de Ouro, e a existência deles nos torna miseráveis. Ainda assim nós votamos neles ano após ano, porque as regras nos controlam mesmo na privacidade de nossas carteiras. *Vote nos Dourados. Eles seguiram as ordens perfeitamente, são o que todos nós deveríamos ser, então devem ganhar. É justo.*

Eu não sou Dourada, mas a luz dos Alunos de Ouro reflete em mim com frequência suficiente para que eu seja iluminada. Eles me convidam para festas de vez em quando, e eu vou, mas quando chego lá não dão muita bola pra mim. Imagino que me convidem porque precisam de alguém “não dourado” para sentir seu brilho. O brilho requer *contraste*. Então quando eles ficam em círculos nos jogos de futebol, me deixam ficar no círculo com eles, mas também não falam comigo lá. Eu me sinto incrivelmente desconfortável, excluída e ridícula nesses círculos. Eu lembro a mim mesma que o que está realmente acontecendo no círculo não importa, o que importa é o que as pessoas fora do círculo acham que está acontecendo lá. O que importa não é o que é real, mas o que consigo convencer os *outros* de que é real. O que importa não é como me sinto por dentro, mas como aparento ser por fora. Como eu *aparento sentir* é que vai determinar como os outros se sentem sobre mim. O que importa é como os outros se sentem sobre mim. Então eu ajo como alguém que se sente uma Aluna de Ouro.

Em meados de setembro, o burburinho dos preparativos para o baile chegou a um pico febril. Já demos nossos votos, e os vencedores serão anunciados depois do sexto tempo. Estou na aula de governança estudantil, e é nosso trabalho contar os votos. Minha amiga Lisa está tirando as cédulas uma de cada vez de uma caixa e lendo os nomes em voz alta enquanto eu conto os votos. Ela diz os mesmos nomes repetidas vezes: Tina. Kelly. Jessa. Tina. Kelly Jessa Susan. Jessa. Susan Tina Tina Tina. Então, Glennon. Depois de mais algumas... Glennon. Glennon. Lisa olha para mim, ergue as sobrancelhas e sorri. Eu reviro os olhos e desvio o olhar, mas meu coração está disparado. *Putá merda. Eles acham que eu sou uma Aluna de Ouro.* Vejo que a caixa de cédulas está quase vazia, mas a votação está apertada e eu conseguiria. Eu conseguiria. Só preciso de mais dois votos. Olho para Lisa, e seus olhos estão distraídos. Com o lápis eu faço mais duas marcas. *Check. Check.* Lisa e eu contamos os votos. Fui indicada para a Corte do Baile.

Agora sou a garota que, mesmo aos 44 anos, pode revirar os olhos e mencionar, como se não fosse nada, bem, eu estava na Corte do Baile. Outros vão revirar os olhos também (o ensino médio!), mas eles também vão registrar: Ah. Você era uma Aluna de Ouro. Se tornar um Aluno de Ouro acontece cedo, e de alguma forma permanece, mesmo quando

somos crescidos e mais espertos, muito mais espertos. Uma vez de Ouro, sempre de Ouro.

Por mais de uma década escrevi e falei abertamente sobre vícios, sexo, infidelidade, depressão. A falta de vergonha é minha prática espiritual. Mesmo assim, eu nunca tinha admitido minha fraude eleitoral no colégio para ninguém além da minha esposa. Quando contei a ela que finalmente havia escrito esta história, ela fez uma careta e perguntou:

— Tem certeza, querida? Tem certeza de que você deveria contar isso?

Acho que o que torna essa história imperdoável é o desespero. É o se importar demais. Se você não pode ser de Ouro, então deve fingir que não quer ser. É tão não legal, tão terrivelmente não legal, querer pertencer a um grupo com tal força que você está disposto a mentir por isso. Mas foi o que eu fiz.

Eu fraudei uma eleição tentando ser de Ouro. Passei dezesseis anos com a cabeça enfiada no vaso tentando ser magra. Bebi até ficar entorpecida por uma década tentando ser agradável. Ri e dormi com homens péssimos tentando ser desejável. Mordi a língua até sentir o gosto de sangue tentando ser gentil. Gastei milhares em poções e venenos tentando ser jovem. Eu me neguei a mim mesma por décadas tentando ser pura.

Algoritmos

Alguns meses depois que descobri que meu marido foi infiel repetidas vezes, ainda não sabia se deveria ficar ou partir. Não sabia nem se as novas almofadas do meu sofá deveriam ficar ou partir. Era uma mulher absurdamente indecisa. Quando contei à pedagoga da escola das crianças como me sentia, ela disse:

— Não são as decisões difíceis que estragam as crianças, é a indecisão. Seus filhos precisam saber o que vai acontecer.

Eu respondi:

— Bom, eles não podem saber até eu saber.

Ela disse:

— Você precisa descobrir *como saber*.

Na época, a única forma que eu sabia de *como saber* era pesquisa e votação. Comecei a juntar os votos. Liguei para todos os meus amigos, torcendo para que eles soubessem o que eu deveria fazer. A seguir comecei a pesquisar. Li cada artigo que encontrei sobre infidelidade, divórcio, filhos, torcendo para que os especialistas soubessem o que eu deveria fazer. Os resultados dos votos e da pesquisa foram irritantemente inconclusivos.

Por fim, me voltei para a World Wide Web para ver se um conglomerado invisível de estranhos, *trolls* e *bots* sabiam o que eu deveria fazer com a minha única, preciosa e selvagem vida. Foi assim que me encontrei na cama às três da manhã, enfiando colheradas de sorvete na boca, digitando na barra de pesquisa do Google:

O que devo fazer se meu marido me traiu mas é um ótimo pai?

Reuniões

Meu filho Chase, de dezessete anos, e os amigos dele estão na sala vendo um filme. Estou tentando deixá-los em paz, mas é difícil para mim. Compreendo que a maioria dos adolescentes acha que as mães são chatas, mas tenho certeza de que sou a exceção.

Fico parada à porta e dou uma olhada na sala. Os meninos estão largados no sofá, e as meninas estão sentadas da forma mais arrumada e controlada possível no chão. Minhas filhas mais novas estão aos pés das garotas mais velhas, adorando-as em silêncio.

Meu filho olha para mim e dá um meio sorriso.

— Oi, mãe.

Preciso de uma desculpa para estar aqui, então pergunto:

— Alguém está com fome?

O que acontece a seguir se desenrola em câmera lenta.

Cada um dos meninos, mesmo com os olhos na TV, e responde:

— SIM!

As meninas ficam em silêncio a princípio. Então cada menina desvia os olhos da TV e avalia o rosto das outras meninas. Elas olham para o *rosto de uma amiga* para descobrir se *está, ela mesma, com fome*. Algum tipo de telepatia está se passando entre elas. Estão fazendo uma votação. Estão chegando a um consenso, pedindo permissão, ou fazendo recusas.

De alguma forma o coletivo silenciosamente nomeou como porta-voz uma menina de cabelo trançado e sardas no nariz.

Ela desvia os olhos do rosto das amigas e me encara. Sorri educadamente e responde:

— Não precisa, obrigada.

Os meninos fizeram uma avaliação interna. As meninas fizeram uma avaliação externa.

Nós esquecemos como saber quando aprendemos a agradecer.
É por isso que vivemos com fome.

Regras

Minha amiga Ashley fez sua primeira aula de hot yoga semana passada. Ela entrou na sala, desenrolou o tapetinho, se sentou e esperou alguma coisa acontecer.

— Estava excepcionalmente quente lá — disse ela.

Quando a professora — jovem e confiante — finalmente entrou na sala, Ashley já estava pingando de suor. A professora anunciou:

— Vamos começar logo. Vocês vão ficar com muito calor, mas não saiam da sala. Não importa como se sintam, permaneçam fortes. Não fujam. Esse é o trabalho.

A aula começou e, em alguns minutos, as paredes começaram a se fechar em volta de Ashley. Ela estava tonta e enjoada. Cada respiração parecia mais difícil que a anterior. Duas vezes sua visão ficou pontilhada, então escureceu. Ela olhou para a porta e quis desesperadamente correr para fora. Passou noventa minutos apavorada, quase hiperventilando, segurando as lágrimas, mas não saiu da sala.

No momento em que a professora terminou a aula e abriu a porta, Ashley levantou do tapete num pulo e voou para o corredor. Manteve a mão sobre a boca até encontrar o banheiro. Abriu a porta com força e vomitou na pia, na parede, no chão.

Enquanto estava de joelhos, limpando o próprio vômito com toalhas de papel, ela pensou: *Qual é o meu problema? A porta nem estava trancada.*

*image
not
available*